

Índio potiguara denuncia a Polícia Federal por tortura

José Humberto do Nascimento, membro do Centro do Trabalho Indigenista (CTI) e um dos remanescentes dos índios Potiguara que habitam a Reserva de Baía da Traição, no litoral paraibano, disse ontem, em entrevista, que foi torturado pela Polícia Federal, por quem foi preso anteontem, ao que afirmou, sob a acusação de promover agitação em uma área que os índios disputam com fazendeiros e agroindústrias.

A Polícia Federal, por sua vez, disse que a prisão de José Humberto, que tem o nome indígena de Tiurê, foi motivada pelo fato de haver sido ele flagrado com um cigarro de maconha. Tiurê foi liberado ontem, depois de assinar um termo de declaração diante do advogado Raldo Beltrão.

Superintendência de Polícia Federal ainda prometeu abrir sindicância para apurar as denúncias de tortura feitas por Tiurê a depender dos resultados de exames de corpo

delito no Instituto de Medicina Legal do Estado, a que ele deverá se submeter.

Casado com a enfermeira Kelma Nascimento e pai de um filho, Tiurê contou que veio a João Pessoa com o objetivo de levar até o Aeroporto o advogada paulista Antônio Carlos, também ligado ao CTI, entidade com sede em São Paulo. Sua prisão deu-se à frente da Clínica Centrocor, para onde ele fora a fim de fazer exames cardiológicos. Antônio Carlos também teve sua bagagem revistada, com a Polícia afirmando que nela encontrou dois canudos de bambu com vestígios de maconha. O advogado, contudo, viajou a São Paulo sem maiores problemas.

-Para mim, ficou muito claro: fui preso por razões políticas - disse Tiurê, que explicou que a presença do advogado Antônio Carlos junto aos Potiguara deveu-se à sua missão de acompanhamento a uma liminar de posse de terras da Reserva e à prisão do remanescente indígena

Manoel Fernandes da Silva, decretada pelo juiz da Comarca de Rio Tinto.

Contou, ainda, que, recentemente em São Paulo, foi obrigado a voltar às pressas à Paraíba, depois de informado de que sua casa fora arrombada. O informante foi o cacique Severino Fernandes da Silva, também em prisão domiciliar em razão de conflitos com fazendeiros.

-Não foram ladrões que arrombaram minha casa, porque nenhum objeto de valor foi roubado. Quem fez isso estava interessado apenas em algo comprometedor. Remexeram papéis e material fotográfico - disse.

Tiurê voltou à Reserva Potiguara, de onde havia saído ainda pequeno, há pouco mais de dois anos. Teve educação urbana normal e já produziu alguns documentários, cinematográficos sobre os índios Tigre e Gavião, no Pará, e, mais recentemente, sobre os Potiguara.

(Página 3).

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Norte Class.: 80

Data: 15/10/83 Pg.: 03

Remanescente potiguara denuncia torturas por agentes da Federal

Um remanescente da tribo Potiguara, na Bala da Tração, José Humberto do Nascimento - conhecido por Tiurê, compareceu ontem, às 9 horas da manhã, a Superintendência de Polícia Federal para prestar depoimento sobre sua prisão, verificada anteriormente por agentes federais, bem como pela prática de tortura, de que afirmou ter sido vítima.

Antes de prestar depoimento no Departamento de Intorpecentes da Polícia Federal, Tiurê, em entrevista à imprensa, disse que se encontrava em João Pessoa, porque precisou realizar exames cardíacos e em segundo lugar, porque tinha vindo conduzir até o Aeroporto o advogado da Comissão do Trabalho Indigenista, Antônio Carlos, que se encontrava na Bala da Tração, para acompanhar problemas na localidade, tendo sido enviado pela entidade que defende as comunidades indígenas.

Afirmou também que sua prisão foi efetuada no momento em que estava saindo do Centrococ, na avenida Eplácio Pessoa onde fizera os exames cardíacos lá sua mulher se encontrava alimentando o filho de dois anos de idade, dentro do carro (Gurgel de placa WI-8643-CE). A prisão segundo ele, foi efetuada por oito agentes federais que o cercaram, afirmando que estava preso e apresentando um maço de cigarros Hollywood, alegando que ali continha maconha.

Na ocasião insistiram em perguntar quem era a pessoa que estava com ele, tendo Tiurê respondido se tratar do advogado da CTI. Após isso o algemaram, e conduziram juntamente com sua mulher e a criança, presos, para a Superintendência de Polícia Federal.

Na Superintendência, por determinação do delegado de Intorpecentes foi conduzido juntamente com três agentes para o aeroporto

Castro Pinto na tentativa de interceptar o advogado da CTI, que deveria tomar o avião às 17 horas, com destino a São Paulo.

No Aeroporto, disse Tiurê, os agentes me deixaram no carro e foram tentar um contato com o advogado, não sei mais o que aconteceu. Na volta eles pararam o carro na estrada que dá acesso ao Aeroporto Castro Pinto. "Ai começaram a me torturar." Diziam que já me conheciam, que eu não era índio, que eu era um agitador. Não respondia nada, então eles começaram a me bater, nas pernas, nos braços, no sexo e na minha cabeça aplicando "telefones", depois colocaram o revólver no meu ouvido e disseram que iam me matar. Pensei que estava morto, apareceu um carro e eles disfarçaram, depois me mandaram correr que eles arrariam e ficava caracterizada a minha tentativa de fuga, "disse Tiurê.

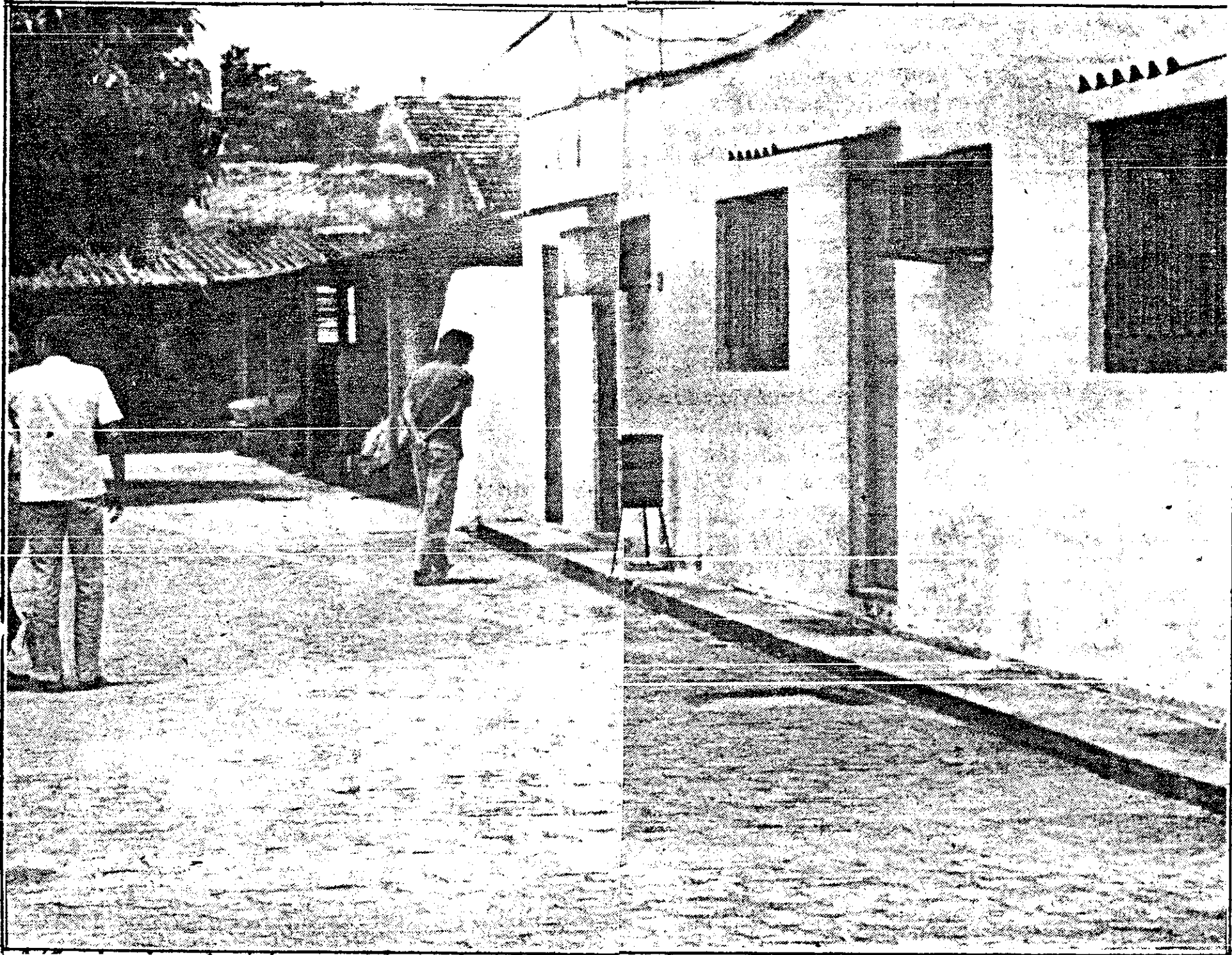
De volta a superintendência, praticamente inconsciente, segundo afirmou, o delegado solicitou que ele assinasse uma declaração e estaria liberado. Por considerá-lo, sem condições para tal a mulher aconselhou que ele fosse conduzido a um médico. Foi liberado, sendo intimado a comparecer ontem pela manhã para depoimento.

Tiurê ainda denunciou que se encontrava em São Paulo semana passada e foi avisado pelo cacique Severino Fernandes da Silva, que sua casa havia sido vasculhada. Voltou às pressas, e verificou que nada havia sido roubado, mas que documentos e a máquina fotográfica haviam sido "remexidos".

Embora seja filho de índios potiguaras, e nascido na Bala da Tração, Tiurê teve quase todo sua formação urbana, saiu de casa muito cedo e passando a se fixar no sul do País, morando mais tempo em São Paulo.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Norte Class.: 80Data: 15/10/83 Pg.: 03 (cont.)

Antes do depoimento Tiurê (de costas, braços cruzados para trás) demorou no pátio da Superintendência da PF.

Interrogatório de 3 horas na Superintendência da PF

Após o interrogatório que durou três horas, o índio Tiurê, foi liberado pela Delegacia de Intorpecentes. A informação nesse sentido foi concedida à imprensa através do setor de Comunicação Social da Superintendência de Polícia Federal.

Ainda foi informado pela Comunicação, que o índio havia sido liberado por

sua prisão não ter se cons tituído em nada muito grave. "Apenas - informou - foi procedido o registro do flagrante de maconha, mas como a quantidade era muito insignificante, apenas um cigarro que se encontrava dentro de uma carteira de Hollywood ele foi liberado".

Sobre a busca no aeroporto, a Comunicação

informou que realmente procurou interceptar a ida do advogado Antonio Carlos a São Paulo, mas chegando no aeroporto, vasculharam sua bagagem e somente encontraram dois pedaços de bambu, com vestígios de maconha, o que nada comprovava, por isso o advogado foi liberado para seguir viagem.

Já sobre as acusações de tortura sofridas pelo índio por parte dos agentes federais, a Delegacia de Intorpecentes determinou a realização de um exame de corpo delito no Instituto de Medicina Legal. Caso sejam comprovadas as denúncias de Tiurê será instaurada sindicância administrativa e os responsáveis serão punidos, garantiu o DPF.